

22 MAR 1988

Desfecho imprevisível

JORNAL DE BRASÍLIA

O senador Saldanha Derzi, líder do Governo, tomava ontem à tarde o chá das cinco no Senado, em companhia dos seus colegas de bancada, o maranhense Edison Lobão e o piauiense Alvaro Pacheco, sendo este último amigo pessoal do presidente Sarney. Os três se incluem no grupo de fiéis seguidores políticos do Governo, acreditando que o presidencialismo será aprovado por uma margem de diferença superior a 20 ou 30 votos a mais do que exige o quorum regimental. O senador Alvaro Pacheco arrisca um palpite: diz que o presidencialismo poderá alcançar um total de 310 votos a favor. Lobão e Pacheco se permitem fazer algumas especulações: segundo eles, qualquer que seja o resultado da votação, a favor ou contra o presidencialismo, o governo de Sarney não será o mesmo a partir de amanhã. Vai experimentar profundas transformações a partir das decisões a serem tomadas hoje. O senador Lobão adverte que se o presidencialismo prevalecer, o Governo entra em alta. Mas se o parlamentarismo triunfar, o Governo vira estrela cadente.

O senador paranaense José Richa, do PMDB, diz que se o deputado Ulysses Guimarães mantiver sua posição dos últimos dias, francamente simpática ao parlamentarismo, o sistema de governo em questão, de acordo com sua avaliação, deve vencer, estourando. As previsões do senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, levam-no a concluir que o parlamentarismo está garantido. Já o deputado cearense Expedito Machado, do PMDB, faz uma advertência que deve deixar com as barbas de molho ambos os lados em conflito. Embora faça a ressalva inicial de que irá votar a favor do presidencialismo com cinco anos para Sarney, lembra que na Constituinte, sempre que estiveram em jogos questões de fundo polêmico, elas só foram aprovadas com o quorum de 280 votos mediante acordo. Isso só não

aconteceu uma só vez: na reforma do regimento interno da Constituinte, comandada pelo Centrão.

A esmagadora maioria dos governadores desembarcou em Brasília ao anoitecer de ontem, com a finalidade de tentar influir no voto a ser dado pelos constituintes dos seus estados. Há governadores, como o cearense Tasso Jereissati, que trabalharão pela aprovação do presidencialismo. Mas existem outros, como o governador Waldir Pires, da Bahia, que se empenharão pelo parlamentarismo. O que levou o deputado gaúcho Antônio Britto, do PMDB, em tom irônico, a observar: "Vamos ter em Brasília hoje (ontem) uma verdadeira noite de São Bartolomeu..."

Militares de fora

O senador paulista Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB, aproximou-se de um grupo de políticos e jornalistas que conversava na terra de ninguém do plenário. Foi informado da previsão feita pelo deputado José Lourenço, líder do PFL, de que se vencer o parlamentarismo, o presidente Sarney iria propor o nome do general Leônidas Pires Gonçalves para chefiar o primeiro gabinete. "Quero ver o PMDB recusar o nome do general", desafiou Lourenço. Fernando Henrique, em resposta, explicou que nos termos da emenda parlamentarista do deputado Egídio Ferreira Lima somente parlamentares poderão chefiar o gabinete, o que elimina de saída a hipótese do nome do general. Acrescentou o líder do PMDB que a Constituinte pode aprovar parlamentarismo e mandato de cinco anos para Sarney que não haverá crise militar. "Não há clima político para isso minha gente", concluiu.

Pela abstenção

O deputado Ibsen Pinheiro, líder do PMDB na Câmara, é da opinião de que o presidencialismo não alcança hoje o quorum de 280 votos para ser aprovado. Informa que nos últimos dias só se dedicou a um esforço: obter de cons-

tituintes indecisos ou relutantes, a promessa de que se absterão de votar quando a emenda presidencialista for levada hoje à apreciação do plenário. Com esse procedimento, acredita o líder do PMDB na Câmara estar propiciando todas as condições para uma negociação em torno do parlamentarismo com cinco anos de mandato para Sarney.

Almoço de proselitismo

Os ministros Prisco Viana e Borges da Silveira reuniram ontem em torno da mesa do almoço alguns parlamentares cujo voto no presidencialismo se tornara duvidoso, como Expedito Machado, José Dutra, Délio Braz, Gil César e Aluísio Vasconcellos. Segundo um dos presentes ao encontro, a primeira conversão ao presidencialismo, antes de completar-se o almoço, foi a do deputado cearense Expedito Machado.

Pólo de aglutinação

O senador Fernando Henrique Cardoso acha que se o presidencialismo for aprovado, o Governo vai se sentir estimulado a promover a reaglutinação política do Centrão. Mas o deputado cearense Expedito Machado teme muito que após a decisão desta tarde na Constituinte se crie no País, pela radicalização, um clima de convivência impossível entre os contrários. Isso porque respaldado por uma vitória na Constituinte o Governo será encorajado a realizar transformações em sua equipe e a promover alterações em seus rumos políticos. A reação a esse procedimento por parte dos grupos de oposição vai radicalizar muito o clima político na Constituinte.

Sem retaguarda

O deputado mineiro Humberto Souto, do PFL, é da opinião de que Ulysses Guimarães ficou sem retaguarda política para negociar o sistema de governo com Sarney, quando o senador Mário Covas, líder do PMDB, permaneceu inabalável na defesa do princípio de quatro anos para o mandato presidencial.